

Indicações formais e a origem do método de *Ser e Tempo*

Formal indications and the origin of Being and Time's method

Juliana Oliveira Missaggia*

RESUMO: Esse artigo procura analisar o método empregado por Heidegger na obra *Ser e Tempo*. O método das indicações formais seria usado ao longo de toda a analítica existencial, mas sem haver ali um maior desenvolvimento de suas bases. Desse modo, é necessário recorrer aos cursos anteriores à publicação dessa obra, onde o filósofo desenvolve os conceitos de indicações formais (*formale Anzeige*). Com a análise do modo como Heidegger os desenvolve nos cursos ministrados em Freiburg e Marburg, podemos compreender o que está por trás da origem desse método, assim como entender mais claramente o seu emprego em *Ser e Tempo*.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger. Método. Indicações Formais.

ABSTRACT: This paper attempts at analyzing the method Heidegger employs in his *Being and Time*. The method of formal indications appears throughout the whole *Existential Analytic*, though no further specifications on its theoretical assumptions can be found there at all. This noticed absence leads the research to some former sources in the author's work, which display a development of the concepts of formal indications (*formale Anzeige*). By analyzing the way Heidegger works them out both in the Freiburg and Marburg lecture courses, one can get to a clearer understanding of the method's origins, as well as of how it is accomplished in *Being and Time*.

KEYWORDS: Heidegger, Method, Formal Indications.

I

A questão do método é sem dúvida muito cara à filosofia. Desde Descartes a importância de elaborar uma metodologia adequada se colocou como um dos temas centrais, muitas vezes o próprio ponto de partida, para qualquer investigação que se julgue filosófica. Se o método utilizado representa o caminho a ser seguido, a direção de nosso primeiro passo, surge a velha dificuldade de *por onde* e de *qual modo* devemos começar.

* Mestranda em Filosofia – PUCRS/Capes. Contato: jumissaggia@gmail.com

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Muito se diz sobre a mudança de paradigma promovida pela obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, a partir do método fenomenológico, cuja origem está em seu professor Husserl. O próprio Heidegger, no parágrafo 7 de *Ser e Tempo*, afirma que seguirá a fenomenologia. Mas mesmo nesse tratamento ainda provisório do que consistiria tal fenomenologia (por meio da decomposição da palavra em *fenômeno* e *lógos*), já podemos perceber que não se trata do método exatamente no mesmo sentido daquele elaborado por Husserl¹.

De fato, essa exposição do método não deixa explícito o que está por trás desse modo de proceder. É somente ao longo do desenvolvimento da obra, através da analítica existencial do Dasein, que conseguimos perceber mais claramente o movimento e a intenção da análise heideggeriana. Isso não é, como será indicado a seguir, um mero acaso ou descuido da parte de Heidegger, mas está contido na própria metodologia por ele empregada. Nesse sentido, algumas passagens da obra (o parágrafo 63, por exemplo), permitem uma avaliação do método a partir de seus resultados.

É notório que especialmente a partir dos anos 90 surgiram muitos trabalhos tratando da questão do método de Heidegger². A maioria deles elabora suas interpretações não através de *Ser e Tempo*, mas sim dos cursos ministrados por Heidegger em Freiburg e Marburg, onde o filósofo teria desenvolvido seu método, assim como muitas das intuições que aparecem em *Ser e Tempo*, por vezes sem maiores introduções.

Um ponto de convergência dessas interpretações é o conceito de indicações ou indícios formais (*formale Anzeige*). Indicações formais seriam os próprios conceitos filosóficos que permitiriam desenvolver uma filosofia que nasce na chamada *hermenêutica da facticidade*, cuja base é a compreensão do ser-no-mundo.

Dito de modo um tanto dogmático e introdutório³: Heidegger possui como ponto de partida a descrição da nossa compreensão de uma realidade sempre ligada a significados, com

¹ Sobre esse ponto, afirma MULHALL, S. *Heidegger and "Being and Time"*. London: Routledge, 1996 (p. 22): "...quando, no fim de sua introdução a *Ser e Tempo*, ele [Heidegger] reivindica o título de *fenomenologia* para sua obra, reconhece a influência e originalidade de Husserl, mas deliberadamente falha em estabelecer qualquer análise detalhada da sua relação com o projeto husserliano. No lugar disso, oferece uma análise etimológica do termo e deriva seu próprio projeto disso".

² Isso se deve, provavelmente, em função da publicação dos cursos de Heidegger anteriores a *Ser e Tempo*. Entre os autores de língua inglesa que se ocuparam desse tema podemos citar Buren, Dahlstrom, Kisiel e Streeter.

³ Há certamente muito mais a ser dito, mesmo para uma abogagem introdutória. Procuramos aqui apenas contextualizar muito brevemente a temática que está na base da discussão do método. Para uma introdução adequada de Heidegger, ver STEIN, E. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

a qual nos relacionamos de modo prático; não se trata de uma consciência que está além da realidade dada, nossa consciência não poderia ser constituída como algo completamente distinto e isolado do que entendemos por mundo.

Ao contrário, Heidegger quer tratar daquilo que está na base da nossa experiência de compreender, o fato de que estamos inseridos num mundo repleto de signos e significações com as quais sempre nos relacionamos enquanto seres que pensam. Em outras palavras, somos criaturas que dão sentido àquilo que nos cerca e àquilo que nós mesmo somos. Temos, de fato, uma pré-compreensão de ser, ao dizer que “as coisas são” e lhes atribuir significado.

Estar no mundo é estar jogado numa realidade determinada historicamente e ser fruto dessa mesma realidade. Tratar dessa facticidade fundamental é entender que há uma maneira não simplesmente teórica de lidar com as coisas, mas antes um modo essencialmente prático de relacionar-se com os objetos significantes de nosso mundo. Somente assim podemos abranger nossa vida fáctica e concreta.

Nesse sentido já podemos antever que quando Heidegger desenvolve a questão do sentido do ser em *Ser e Tempo*, temos um *corte* que nos remete a noção de compreensão que é característica do ente que possui uma pré-compreensão do ser (o Dasein), ente esse que é marcado pela própria finitude.

II

Por trás de todo o projeto que viria a ser explicitado em *Ser e Tempo*, está a questão de *como* conseguir tematizar filosoficamente essa esfera de compreensão prática e já sempre presente. As indicações formais surgiriam exatamente como uma tentativa de realizar tal tarefa. Nas palavras do próprio Heidegger:

Formal não é o mesmo que eidético, e o uso desse termo, no sentido de “generalidade universal”, é completamente problemático em fenomenologia. (...) formal é um conteúdo que refere ou indica a direção, isto é, delimita previamente o caminho. *Indicação formal* é um conceito unificado e inseparável da filosofia. O formal não é a “forma”, nem a indicação seu conteúdo; ao contrário, “formal” significa “abordagem em direção à determinação”, caráter de aproximação⁴.

⁴ HEIDEGGER, M. *Phenomenological interpretations of Aristotle: initiation into phenomenological research*. Translated by Richard Rojcewicz. Indianapolis: Indiana University Press, 2001, p. 27. Referente ao curso de

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Em primeiro lugar, podemos perceber que o método enquanto indicação formal pressupõe um distanciamento de Husserl. De fato, não se trata de uma “redução eidética”, nem está presente a ideia de uma universalização. Como o próprio nome diz, indicação formal tem por intenção apontar, indicar uma direção para a qual devemos olhar. E, assim como todo o ato de apontar, há uma incompletude inerente a esse método: a ação de apontar só está completa em seu significado quando alguém olha na direção apontada. Nas indicações formais não há uma determinação concluída dos conceitos filosóficos, mas sim uma primeira aproximação, como ficará mais claro a seguir.

O contexto da formação desse método ajuda a esclarecer sua intenção e uso. Heidegger estava interessado em desenvolver uma filosofia que pudesse abarcar a vida concreta. O modo como a filosofia da tradição abordava as questões parecia não levar em conta a realidade dada, com todas suas contingências e cotidianidades. O tratamento conferido ao conhecimento tendia a focar no objeto e a caracterizá-lo de um modo totalmente teórico. O próprio sujeito do conhecimento era descrito em filosofia geralmente como um sujeito “descarnado” e separado do mundo dos objetos (o que gerava uma dualidade que dificilmente permitiria reconciliação). O caráter histórico e temporal presente na compreensão era muitas vezes simplesmente ignorado, ou então não suficientemente desenvolvido, a ponto dos filósofos não perceberem a base na qual repousava a teoria por eles formulada⁵.

A melhor maneira de compreender o significado das indicações formais é analisando sua formulação nos cursos de Heidegger⁶. O filósofo parte do exame dos conceitos de *generalização* e *formalização*, que seriam uma diferença conhecida da matemática desde

Freiburg de 1921-1922, *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles* (Interpretações Fenomenológicas de Aristóteles).

⁵ Sobre esse ponto, diz FEHÉR, I. *Phenomenology, Hermeneutics, Lebensphilosophi*. In: KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 73-90. (p. 83): “Falando de modo geral, [indicação formal] é o resultado da busca de Heidegger por um meio metodológico próprio para uma expressão conceitual adequada da 'vida fáctica' que surgiu na problemática hermenêutica dos cursos do pós-guerra. O teórico (e a-histórico) conhecimento neutro é contrastado e abre o caminho para a existencialidade (e historicidade) envolvida na compreensão (ou pré-compreensão) e interpretação, com o que o conhecimento se torna no máximo uma subdivisão da compreensão. Todos esses esforços estão a serviço da apreensão da 'vida'. A principal característica da última é o cuidado (*Sorge*) mais do que o conhecimento”.

⁶ Especialmente no curso de 1920-1921, *Phänomenologie des religiösen Lebens* (Fenomenologia da vida religiosa), vol. 60 das *Gesamtausgabe*. HEIDEGGER, M. *The phenomenology of religious life*. Translated by Matthias Fritsch. Indianapolis: Indiana University Press, 2004.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Leibniz, mas que somente com Husserl receberiam um tratamento lógico adequado.⁷ Tanto a generalização quanto a formalização são maneiras de ordenar os objetos, a partir do agrupamento e classificação dos mesmos. Um exemplo de generalização: vermelho é uma cor, cor é uma qualidade sensível, etc. Na generalização, há um grau progressivo de abstração e abrangência (“qualidade sensível” abrange mais objetos do que “cor”).

Mas a formalização é diferente da generalização. A última se limita ao conteúdo específico do objeto generalizado, enquanto que a formalização não está presa a isso. Quando se diz, por exemplo, que vermelho, cor e qualidades sensíveis são *coisas*, não se está dando atenção ao “o que” do objeto, ao seu conteúdo, mas sim a maneira como posso classificar esses conceitos, a como posso pensá-los. O mesmo acontece quando digo que o conceito de “qualidade sensível” abrange o conceito de “cor”. Isso não diz respeito ao objeto diretamente, mas a forma como os conceitos que uso para classificá-los se relacionam entre si no meu pensamento. O interesse se volta não àquilo que o objeto é, mas ao modo como ele é tomado teoricamente⁸.

Esses conceitos classificatórios representam o procedimento típico da filosofia. Mas Heidegger afirma que as indicações formais nada têm a ver com ordenamentos e generalidades. Na generalização e mesmo na formalização classificam-se os objetos teoricamente e há a pretensão de que tal procedimento seja definitivo e acabado em sua primeira formulação. A formalização não dá conta do modo como temos acesso aos objetos, pois não diferencia as várias maneiras como o fenômeno se mostra à nossa consciência (os conceitos se sobrepõem uns aos outros e todos os entes acabam no mesmo patamar indistinto de “coisas”). A generalização, por sua vez, não consegue determinar suficientemente o que são os objetos, pois perde de vista o fato de que o sujeito de conhecimento possui diferentes maneiras de relacionar-se com os muitos e distintos objetos (ou, melhor, *entes*) que fazem parte de seu mundo⁹.

⁷ Nas *Investigações Lógicas*, vol. 1 (capítulo final) e nas *Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia fenomenológica* (parágrafo 13).

⁸ Ver HEIDEGGER, M. *The phenomenology of religious life*. Translated by Matthias Fritsch. Indianapolis: Indiana University Press, 2004. (p. 39 ss). DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's Concept of Truth*. New York: Cambridge University Press, 2001. (p. 244) diz: “Generalizações são feitas sobre domínios específicos de objetos e sobre a ordem obtida entre eles (p. ex., vermelhos são cores e cores são qualidades sensíveis). Diferentemente, formalizações são sobre objetos em geral, em outras palavras, não em termos do que eles são, mas em termos de como eles são teoricamente ou epistemologicamente concebidos (p. ex., o conceito de vermelho é parte do conceito de cor)”.

⁹ “O 'sentido fundamental' dos conceitos filosóficos na medida em que são 'indicações formais' é baseado no *insight* fenomenológico de que o objeto de uma interpretação deve ser articulado (...) no modo pelo qual o

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Assim, se as indicações formais não pretendem classificar teoricamente os objetos, mas apenas indicar um caminho de investigação – permitindo, com isso, dar conta de uma esfera mais abrangente, que inclua a vida concreta –, surge a dúvida de *como* elas possibilitam tal abordagem.

Questionamos com Heidegger¹⁰: “O que é a fenomenologia? O que é o fenômeno?”. Três são as bases que devemos investigar para chegar a uma resposta adequada:

1. O original “o que”, que é experienciado nos fenômenos (conteúdo);
2. O original “como” no qual eles são experienciados (relação);
3. O original “como” no qual o sentido relacional se realiza (realização).

Ao que Heidegger conclui que tais direções de sentido (*conteúdo* do fenômeno, *relação* entre o sujeito e o fenômeno e *realização* dessa relação) não são coisas que existem separadas ou em paralelo. De fato, fenômeno “é a totalidade de sentido dessas três direções”, enquanto que fenomenologia “é a explicação dessa totalidade de sentido”. Deve-se buscar o *lógos* que permite apreender o fenômeno na sua totalidade. *Lógos* esse que não significa a razão tal como foi descrita na filosofia, mas sim “*lógos* no sentido do *verbum interius*”. Mas no que consiste tal *verbum interius*? Este é precisamente um conceito chave para a compreensão das indicações formais como método.

III

Foi através dos estudos da mística medieval, especialmente de Agostinho, que Heidegger encontrou uma das bases para desenvolver seu método. Por trás da ideia de *verbum interius* está a distinção entre *actus signatus* e *actus exercitus*. O primeiro diz respeito ao discurso significativo e a compreensão consciente e reflexiva; se refere ao ato de compreender as sentenças expressas por alguém, àquilo que é explicitamente dito e realizado no discurso e nas ações ligadas ao pensar reflexivo. O *actus exercitus*, por outro lado, é a esfera do

objeto se torna acessível. Filosofar nada mais é do que um modo de comportar-se com respeito a um original, não-reflexivo e não-tematizado comportamento, uma tentativa de 'ter' ou 'compreender' este comportamento de modo genuíno. (...) Desse modo, indicações formais são centrais para a concepção de Heidegger do método fenomenológico, precisamente por contrastar com a classe de generalização e formalização que foram tradicionalmente consideradas a tarefa da filosofia”. (DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's Concept of Truth*. New York: Cambridge University Press, 2001., 243-3).

¹⁰ HEIDEGGER, M. *Ontology: the hermeneutics of facticity*. Translated by John Van Buren. Indianapolis: Indiana University Press, 1999. p. 43.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

antepredicativo, daquilo que não é expresso pela própria sentença ou ação reflexiva, mas que está na sua base: toda afirmação tem suas motivações, cada ato consciente possui uma base pré-consciente; há uma série de pressupostos que não são explicitados e todo discurso, por mais rico que seja, mantém um espaço do que não é dito, do que é silenciado¹¹.

Assim, para poder desenvolver uma filosofia que não caia sempre numa objetivação limitadora (a qual não vai além da predicação e da teorização descolada da realidade concreta), é necessário buscar o que está na base de toda teoria e de toda linguagem significativa: o *actus exercitus*, o que está implícito no pensamento reflexivo; aquilo que motiva o discurso sem nunca ser dito; o fato de podermos agir no mundo sem estar, a todo e cada momento, pensando conscientemente em tudo o que fazemos.

Essa apropriação de Heidegger dos conceitos de Agostinho tem grande influência para a filosofia hermenêutica como um todo. Gadamer¹² recorda que a noção de *actus exercitus* surgiu como uma “palavra mágica” que fascinou a todos os alunos de Heidegger na ocasião de sua apresentação¹³. A partir dessa primeira elaboração fica claro que não se deve perder de vista o *verbum interius*, que, enquanto totalidade dos sentidos presentes no *actus exercitus*, conduz a filosofia para o antepredicativo que está por trás do significado de toda sentença.

Ao buscar tematizar esse horizonte, as indicações formais possuem duas funções básicas: a função *proibitivo-referencial* e a função *reversivo-transformacional*¹⁴. A primeira trata de impedir que abordagens teóricas realizem uma caracterização do fenômeno a partir de fixações categoriais que não levem em conta os pressupostos interpretativos. A função reversivo-transformacional cuida de modificar o procedimento comum em filosofia e, como vimos, tratar de desenvolver as questões a partir de um horizonte mais geral, onde os

¹¹ Sobre isso, diz STEIN, E. *Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006 (p. 163): “Heidegger dirá que justamente esse jogo entre ato exercido, antepredicativo e ato assinalado, reflexivo, se dá numa unidade. Ele dirá que o ato exercido sempre tem que ser olhado como elemento de fundamentação”, e que a tarefa da fenomenologia hermenêutica é “pela descrição dos indícios formais, chegar ao máximo número de atos exercidos, que são as dimensões existenciais”.

¹² GADAMER, H-G. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Ángela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002.p. 247.

¹³ Segundo GRONDIN, J. *Sources of hermeneutics*. New York: SUNY Press, 1995. (p. 94-5): “O que é comum nos dois autores [Gadamer e Heidegger] é a idéia de que a sentença não pode ser tomada como uma entidade semântica auto-suficiente. (...) O atual sentido da reivindicação de universalidade da hermenêutica repousa na sua estrutura motivacional da linguagem, no *verbum interius*, o qual deve ser entendido como o *actus exercitus* no seu sentido completo”.

¹⁴ Ver DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's Concept of Truth*. New York: Cambridge University Press, 2001(p. 246 ss) e REIS, R. R. *Verdade e indicação formal: a hermenêutica dialógica do primeiro Heidegger*. In: *Veritas*, vol. 46, n. 4, Porto Alegre, Dez, 2001, p. 607-620. (p. 613-4).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

fenômenos são analisados dentro de um contexto que envolve não apenas seu conteúdo, mas também o modo como temos acesso a tais conteúdos¹⁵.

Outro aspecto importante das indicações formais é o de apontar para a característica de incompletude dos conceitos filosóficos, que só podem ser realizados na medida em que seguimos a direção indicada por tais conceitos e os realizamos nós mesmos. Além disso, compreender é um ato essencialmente compartilhado. Para tratar da vida concreta é necessário voltar a olhar para essa compreensão que se dá dentro de uma tradição e de um tempo específico, nos quais os significados só fazem sentido porque são comuns a todos¹⁶.

IV

Como já foi dito, Heidegger não dá uma explicação mais completa do uso de indicações formais como método em *Ser e Tempo*. Sua caracterização preliminar do método como “fenomenológico” (§ 7) deixa em aberto uma série de questões. Somente a partir da análise da formação desses conceitos foi possível compreender a intenção do método que é utilizado nessa obra. Algumas passagens de *Ser e Tempo* ajudam não somente a observar as aplicações das indicações formais, mas a compreender mais a fundo o que elas mesmas significam, a partir de seus exemplos concretos, já que somente assim podemos passar de uma definição negativa do método (daquilo que ele pretende ou não fazer) para uma definição positiva (como efetivamente se dá sua operação).

¹⁵ “A tarefa do filósofo é inverter a perspectiva e o modo normal de colocar as questões, isto é, passar a dar atenção não aos entes particulares, mas sim ao horizonte não tematizado e não examinado no qual eles são encontrados e no qual têm o seu modo de ser. Assim, enquanto 'vida' e 'existência' são termos eminentemente sem uso e com significados aparentemente auto-evidentes, enquanto conceitos filosóficos eles indicam formalmente um significado específico, mas não tematizado e implícito. Tal compreensão, por não ser tematizada, requer uma certa reversão”. (DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's Concept of Truth*. New York: Cambridge University Press, 2001. p. 249-50).

¹⁶ “A noção de indicação formal (*formale Anzeige*) significa que os termos usados para descrever a existência requerem um específico e não-determinado processo de apropriação de parte do leitor ou ouvinte. Esse processo não está contido no próprio conceito, ele somente pode ser despertado, encorajado e incitado pelo conceito. A indicação formal seria totalmente mal compreendida como a descrição de um estado de coisas objetivo. Enquanto uma exortação para o auto-conscientização no terreno de cada Dasein específico, ela precisa ser preenchida com o conteúdo concreto de acordo com nossas diferentes situações. A indicação formal pode então apenas sugerir ou 'indicar' a possibilidade do Dasein, a abertura da auto-determinação”. (GRONDIN, J. *The Ethical and Young Hegelian Motives*. In: KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 345-360., p. 353).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

No parágrafo 25, por exemplo, Heidegger afirma que a “resposta da pergunta acerca de quem é este ente (o Dasein), já foi aparentemente dada com a *indicação formal* das determinações fundamentais do Dasein (§9)”¹⁷. Mas lembra que ali se tratava ainda de uma indicação “rudimentar”, que ao longo da analítica existencial seria explicitada e desenvolvida.

De fato, no parágrafo 9, a essência do Dasein é descrita como sua existência (*Existenz*), que é diferenciada das coisas que “estão-aí”, “simplesmente dadas” (*Vorhandenheit*), na medida em que o Dasein está sempre em relação e em questão para si mesmo, pois possui o caráter de “ser-cada-vez-próprio” (*Jemeinigkeit*). Não cabe aqui um desenvolvimento desses conceitos. Mas podemos ver que, enquanto indicações formais, são definições prévias que ganham significado no decorrer da obra, assim como todos os demais conceitos.

Elas são “considerações preliminares, (...) que iluminarão a investigação posterior, mas que, ao mesmo tempo, receberão nela sua concretude estrutural” (SZ, p. 52). Assim, a indicação formal que aponta a direção para onde devemos investigar, só será realmente formulada quando tivermos trilhado o caminho apontado por ela própria. Somente poderei compreender o que significa ser a essência do Dasein sua existência, depois de haver explicitado uma série de outros conceitos que essa primeira formulação me indica.

Esse “movimento” característico do método em *Ser e Tempo* fica claro no parágrafo 63, quando Heidegger realiza uma análise do procedimento metodológico até então utilizado:

Mas mesmo a ideia de existência formal e existencialmente não vinculante leva consigo um “conteúdo” ontológico determinado, embora não explícito, que (...) “pressupõe” uma ideia do ser em geral. (...) Mas, não temos de esclarecer a ideia do ser em geral por meio da elaboração da compreensão do ser que é própria do Dasein? No entanto, esta não pode ser originariamente compreendida a não ser sobre a base de uma interpretação originária do Dasein feita através da ideia de existência. Não resulta, então, inteiramente evidente que o problema da ontologia fundamental se move em um “círculo”? (SZ, p.314).

Essa é uma das formulações do “círculo hermenêutico” heideggeriano. Não se trata, defende Heidegger, de um círculo vicioso, mas sim de um círculo de compreensão necessário. Não há outro procedimento possível: temos de partir da nossa pré-compreensão de ser para poder buscar um sentido para o que significa ser. Negar o círculo hermenêutico é ignorar que o próprio compreender constitui um modo fundamental do ser do Dasein e que tal ser é

¹⁷ SZ, p. 114. HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Traducción, prólogo y notas de Jorge Eduardo Rivera. Madrid: Trotta, 2003. Grifo nosso.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

constituído pelo cuidado (*Sorge*); “negar, ocultar ou querer superar o círculo equivale a consolidar definitivamente esse desconhecimento” (SZ, p. 315).

É importante perceber que, analogamente ao círculo hermenêutico, o método como indicações formais também contém em si uma circularidade: é oferecido um caminho para seguir, são indicados os passos adequados da investigação, mas ao longo da própria investigação, os conceitos iniciais ganham novas formas e significados, crescendo em complexidade e só então confirmando que o caminho inicial era adequado.

Assim, as indicações formais surgem como o resultado de uma busca metodológica que pretende desenvolver filosoficamente uma ampla esfera de conceitos relacionados ao homem como ser-no-mundo. Essa tentativa, como observamos, parte tanto dos estudos de Heidegger junto a Husserl (e de sua leitura dos conceitos de formalização e generalização), como também das influências da filosofia medieval, com a distinção entre *actus signatus e actus exercitus*. Os cursos que antecedem a publicação de *Ser e Tempo* mostram claramente a importância de tais influências para a elaboração do método, mas revelam também como se deu o desenvolvimento das indicações formais a partir de um longo processo. Como vimos, embora a aplicação desse método em *Ser e Tempo* seja clara, Heidegger não explicita nessa obra as bases de sua elaboração, tornando necessário buscar sua origem em outras fontes.

Referências:

- DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's Concept of Truth*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- FEHÉR, I. *Phenomenology, Hermeneutics, Lebensphilosophi*. In: KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 73-90.
- GADAMER, H-G. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Ángela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002.
- GRONDIN, J. *The Ethical and Young Hegelian Motives*. In: KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 345-360.
- GRONDIN, J. *Sources of hermeneutics*. New York: SUNY Press, 1995.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamtausgabe dachgesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- HEIDEGGER, M. *Être et temps*. Traduction par Emmanuel Martineau. Paris: Authentica, 1985.
- HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Traducción, prólogo y notas de Jorge Eduardo Rivera. Madrid: Trotta, 2003.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

- HEIDEGGER, M. (GA 20; SS 1925). *History of the Concept of Time: Prolegomena*. Translated by Theodore Kisiel. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1992.
- HEIDEGGER, M. (GA 24; SS 1927). *The Basic Problems of Phenomenology*. Translated by Albert Hofstadter. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 1988b.
- HEIDEGGER, M. *Ontology: the hermeneutics of facticity*. Translated by John Van Buren. Indianapolis: Indiana University Press, 1999.
- HEIDEGGER, M. *The phenomenology of religious life*. Translated by Matthias Fritsch. Indianapolis: Indiana University Press, 2004.
- HEIDEGGER, M. *Phenomenological interpretations of Aristotle: initiation into phenomenological research*. Translated by Richard Rojcewicz. Indianapolis: Indiana University Press, 2001.
- KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994.
- KISIEL, T. *Heidegger on Becoming a Christian*. In: KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 175-194.
- KISIEL, T. *The Genesis of Heidegger's Being & Time*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- MULHALL, S. *Heidegger and "Being and Time"*. London: Routledge, 1996.
- PÖGGELER, O. *Destruction and Moment*. In: KISIEL, T. & VAN BUREN, J. (orgs). *Reading Heidegger from the Start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 137-158.
- REIS, R. R. *Verdade e indicação formal: a hermenêutica dialógica do primeiro Heidegger*. In: *Veritas*, vol. 46, n. 4, Porto Alegre, Dez, 2001, p. 607-620.
- STEIN, E. *Seis estudos sobre "Ser e tempo"*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2005.
- STEIN, E. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- STEIN, E. *A questão do método na filosofia: um estudo do modelo heideggeriano*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- STEIN, E. *Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- STREETER, R. *Heidegger's Formal Indication: a Question of Method in Being and Time*. *Man and World*, vol. 30 (1977), pp. 413-430.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.45-55
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------